Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

America Latina para que te quero? Uma comunicação livre para um povo livre

Candice Machado
Pós-graduanda do curso de Direito e Relações Internacionais da Unifor
Pesquisadora do Núcleo de Estudos Internacionais (NEI) – Unifor/FUNAG
E-mail: candicemsc@gmail.com

Resumo:

Na América Latina as nações esbarram na dívida social histórica e na necessidade de consolidar a democracia e de garantir os direitos da cidadania. Ali, o fenômeno da integração regional sobressai fundamental. Contudo, é preciso esquadrinhar caminhos para um processo não apenas econômico e representativo, mas com bases no sentimento da unidade cultural, que permitirá construir uma identidade latino-americana, a solidariedade entre seus povos, e seu prestígio internacional. O objetivo deste artigo é investigar de que forma a cultura atua como eixo articulador dos povos e de fortalecimento do processo de integração, e analisar a comunicação enquanto elemento cultural chave para a democracia e para a consolidação de ideais. Conclui-se que cultura, identidade e diversidade são fatores fundamentais para estabelecer a integração de forma efetiva e democrática. Da mesma forma, não há democracia genuína sem que se estabeleça uma comunicação acessível e plural. É imprescindível favorecer o surgimento de uma pluralidade de vozes no processo de criação e difusão de conteúdos. Na America Latina, diante da sua construção multicultural, essas condições se provam mais intensas, dependentes de um ambiente democrático, da valorização da cidadania e da inclusão social.

Palavras-chave: Integração Regional. Cultura e Comunicação. América Latina.

Abstract:

In Latin America, nations come up against the historic social debt and the need to consolidate democracy and to guarantee the rights of citizenship. In that region, the regional integration phenomenon is critical. However, you need to scan paths to a process not only economic and representative, but with bases in the sense of cultural unity, which will build a Latin American identity, solidarity among its people, and the region´s international prestige. The aim of this paper is to investigate how culture acts as a pivotal point of peoples and as a driver of the integration process, and analyze communication as a key cultural element to democracy and to the consolidation of ideals. It is concluded that culture, identity and diversity are key factors to effectively and democratically establish the integration. Similarly, there is no genuine democracy without the establishment of an accessible and plural communication. It is essential to promote the emergence of a plurality of voices in the process of creation and dissemination of content. In Latin America, on its multicultural building, these conditions prove more intense, dependent on a democratic environment, the enhancement of citizenship and of social inclusion.

Key-words: Regional integration. Culture and Communication. Latin America.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a comunicação enquanto elemento cultural chave para as Relações Internacionais. Ciente de que as limitações de um artigo não permitem a produção de uma

ISBN: 978-85-7205-159-0

proposta de aprimoramento da realidade, o intuito é conhecer e formar uma avaliação crítica da realidade concreta.

Como jornalista e estudante do curso de especialização em Direito e Relações Internacionais, a investigação partiu de um esforço pessoal em tentar compreender a relação entre essas duas vertentes e vivências acadêmicas e sociais. Para alcançar a incidência dos processos comunicacionais no interior das relações internacionais, direcionei o foco da investigação para as relações entre comunicação e os processos de integração regional.

Por meio da análise de pesquisas científicas e da realização de um debate teórico; e trazendo a ideia de Edgard Telles Ribeiro (2011) de que as relações culturais incluem, também, as comunicações entre os grupos sociais; o objetivo deste artigo é investigar de que forma a cultura atua como eixo articulador dos povos e de fortalecimento do processo de integração, além de compreender a comunicação como instrumento desse fenômeno integrador. O artigo é dividido em quatro partes, além da introdução e da conclusão.

A primeira parte busca identificar um conceito de integração regional, segundo o qual dimensão cultural e comunicacional deverá dialogar. Para tanto, foi utilizado o estudo de Cássio Silva Moreira (2010), segundo o qual, o regionalismo é visto como um fenômeno e resposta à globalização e os processos de integração regional são efetivados segundo aprofundamento do vínculo estabelecido entre as economias dos Estados envolvidos.

Em um segundo momento, investigarei as relações entre Cultura e Integração Regional. A partir da ideia de que difusão de interesses e identidades comuns aos povos da America Latina pode ser um catalisador da integração política e cultural do bloco, estabelecendo uma identidade regional unificada e sustentada na diversidade.

A terceira parte introduz uma análise da tese de Margarethe Born Steinberger (2005), segundo a qual a nova geopolítica internacional segue uma ordem internacional midiática. Para a autora, as diferentes formas de imperialismo cultural não implicam obrigatoriamente em domínio territorial físico e direto. Essas formas indicam, sim, que o sistema de referência em ascensão atual é o sistema pós-moderno midiático. Nesse sistema, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa detêm o poder de configurar mentalidades a médio e longo prazo e, consequentemente, de aglutinar o apoio social necessário pra o estabelecimento de lideranças globais. A mídia seria o novo campo de disputas de ideias, simbologias e de estabelecimento de lideranças.

A quarta e última parte pretende analisar as relações entre comunicação e democracia, a necessidade de apropriação da comunicação pela sociedade, de modo a construir uma informação pública,

ISBN: 978-85-7205-159-0

plural, acessível em sua produção e em seu consumo e participação. Aqui, aplicam-se as ideias de Venício Lima (2006), compreendendo o exercício da cidadania como um princípio fundamental para o estabelecimento de uma circunstância democrática e defendendo a existência de três dimensões da cidadania, Segundo a comunicação não é apenas instrumento, mas fator integrante desse exercício. Nesta mesma parte, cabe analisar uma das novas características do "mundo globalizado", que seria exatamente a descentralização da identidade cultural e o surgimento de identidades múltiplas, assim a comunicação surge fundamental no estabelecimento de uma integração latino-americana sustentável e unificada na diversidade.

Integração Regional, um conceito.

Neste artigo, entende-se a integração regional como um fenômeno reativo à globalização. Tendo como base o estudo de Cássio Silva Moreira (2010), é possível compreender a globalização como um movimento de abertura das fronteiras econômicas, que teve uma aceleração durante década de 1970 e ganhou força e destaque no final daquele mesmo século. Segundo o autor, "os principais agentes desse processo seriam as empresas multinacionais e os Estados, tendo como esfera de atuação o mercado" (MOREIRA, 2010, p. 216). Ele destaca como fator impulsão dessa movimentação de convergência global das economias, o enfraquecimento dos países socialistas e a conversão da maioria deles ao regime capitalista, o que elevou as relações financeiras econômicas e comerciais entre esses países e o resto do mundo.

Concomitantemente a esse movimento, há o surgimento da complexa sociedade do conhecimento, marcada pelo desenvolvimento das novas tecnologias que facilitam a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. Vale ressaltar que "nessa situação, as condições das transformações locais serão cada vez mais circunscritas às condições das transformações globais" (MOREIRA, 2010, p. 216). Dessa forma, é possível entender que as dinâmicas locais e regionais se dão no corpo da principal esfera de atuação daquele período: o mercado. Assim, os processos de integração regional são efetivados segundo aprofundamento do vínculo estabelecido entre as economias dos Estados envolvidos. As relações socioculturais não estão os fundamentos dessa integração. Como observado pelo autor:

> Portanto, em busca da expansão na participação nos mercados é que as estratégias das empresas influenciam os processos de globalização e regionalização, com novas formas de relacionamento entre os Estados Nacionais e as empresas. Muitas vezes os processos de integração regional servem como reserva de mercado para as empresas do bloco. (MOREIRA, 2010, p. 216).

Segundo o autor, a globalização, ou seja, o "processo de integração de mercados domésticos na formação de um mercado mundial integrado" (MOREIRA, 2010, p. 217) pode ser percebida em três dimensões: 1. Comercial – definida como a integração dos mercados nacionais, através da diminuição das

ISBN: 978-85-7205-159-0

barreiras comerciais e do consequente crescimento do comércio internacional e percebida pela elevação de tal comercio mundial a uma taxa anual acima do PIB mundial. 2. Produtiva – entendida pelo autor como o processo de produção e distribuição dentro de redes em escala mundial, elevando a concorrência entre grandes grupos econômicos. É possível perceber a adoção da estratégia, pelas multinacionais em expansão, de segmentar a produção por meio de unidades operacionais exteriores distintas, porém, concentrando a atividade de pesquisa e desenvolvimento em seu país de origem. 3. Financeira – Trata-se da integração dos mercados financeiros nacionais, em um único mercado internacional. Isso significa que "as empresas multinacionais industriais podem contratar empréstimos ou aplicar fundos sem limites onde e quando queiram, recorrendo a todos os instrumentos financeiros existentes" (MOREIRA, 2010, p. 218).

O processo de globalização (NOTA SOBRE O PERÍDO DA GLOBALIZAÇÃO) é marcado pela utilização de novas tecnologias, pelo aumento da produção e da concorrência internacional, com altas taxas de desemprego em diversos países; além do acirramento da competição entre as principais potências econômicas do período, principalmente Alemanha, Estados Unidos e Japão; pela ampliação dos empréstimos aos países tidos de terceiro mundo; pelo crescente aumento do comércio exterior e pela formação de grupos econômicos com acionistas de diversas nacionalidades, mundializando o capital.

É em resposta a esse contexto de aprofundamento da internacionalização das relações capitalistas de comercialização, produção e finanças que os processos de integração regional se intensificam:

> É nesse contexto que se acelerou o movimento de regionalização, por meio da integração regional de diversos países como resposta à globalização. A formação de blocos econômicos representa uma forma ampliada do plano nacional, tornando-se, junto com organismos internacionais, como, por exemplo, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), mais um mecanismo de governabilidade para a economia mundial. (MOREIRA, 2010, p. 219).

Moreira (2010) também traz uma classificação do fenômeno da regionalização, com base em Balassa (1973). São cinco tipos ou estágios de integração, seguindo um caráter progressivo de aprofundamento das relações entre as economias envolvidas, representados na tabela transferida tal e qual para este artigo.

Tipos ou estágios da integração regional, segundo grau de profundidade dos vínculos das economias envolvidas. (MOREIRA, 2010, p.221).		
1º estágio	Área de Livre Comércio	- Livre circulação de bens e serviços dentro do bloco - Inexistência de barreiras tarifárias e técnicas
2º estágio	União Aduaneira	- Livre circulação de bens e serviços dentro do bloco - Existência de uma tarifa externa comum

ISBN: 978-85-7205-159-0

		- Harmonização das políticas comerciais
3º estágio	Mercado Comum	- Livre circulação de bens e serviços e pessoas - Criação de instituições supranacionais - Harmonização da legislação fiscal e trabalhista - Criação de um orçamento comunitário para políticas comuns
4º estágio	União Econômica	- Livre circulação de todos os fatores de produção - Coordenação conjunta das políticas econômicas - Criação de um banco central da união - Harmonização da política fiscal e monetária - Criação de uma moeda única
5º estágio	Incorporação Econômica Total	- Unificação completa das economias - Criação de uma política comum de relações externas - Criação de uma política de defesa e segurança comum - Unificação dos códigos de leis - Criação de uma autoridade supranacional - Unificação política

Moreira (2010) refere-se a dois períodos de impulso do movimento de regionalização, no que diz respeito à vinculação de mercados. O primeiro, denominado Velho Regionalismo, ocorreu nos anos 1960, com a formação da Área de Livre Comércio da Europa (EFTA). Pode ser caracterizado pela presença de um forte protecionismo e isolamento dos países membros, com o objetivo de excluir os países não membros do comércio com os países do bloco. O seu surgimento está ligado ao período da Guerra Fria, "quando a formação dos blocos serviu para a manutenção dos sistemas capitalista e socialista, assim como para proteger as empresas locais" (MOREIRA, 2010, p. 236). O segundo, chamado Novo Regionalismo, teve início na década de 80 e ganhou força na década de 90, com a proliferação de diversos acordos de integração pelo mundo. Destaca-se como fator de contribuição, a mudança de postura dos Estados Unidos, assinando um tratado de livre comércio com Israel em 1985, firmando acordo de livre comércio com o Canadá em 1989, tendo, subsequentemente, a

ISBN: 978-85-7205-159-0

criação do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), em 1992, envolvendo o México, além dos já citados Canadá e dos Estados Unidos. Ao contrário do anterior, o novo processo integrador considera positivo o comércio com países de fora do bloco, não isolando os seus membros e permitindo-lhes, inclusive, outros acordos preferenciais de comércio. "O novo 'regionalismo' tem no interesse das multinacionais seu principal agente propulsor. Com a expansão das principais empresas dos países desenvolvidos em busca de novos mercados [...]" (MOREIRA, 2010, p. 236).

Segundo a associação delineada sobre globalização e regionalização, podemos citar alguns dos processos mais importantes no contexto da América do Sul: ALADI, UNASUL, CELAC MERCOSUL. No entanto, as experiências de integração não são fatos recentes, como se verá adiante.

Integração regional e identidade cultural

Diante da percepção de que os fenômenos de integração regional estão intimamente ligados ao aspecto econômico das vinculações entre os estados, e na tentativa de compreender o papel da comunicação para além do seu desempenho como instrumento de diálogo, surge a necessidade de analisar o aspecto cultural dos processos integradores. Neste artigo, a comunicação é entendida como uma forma expressão cultural, para tanto, considera-se o conceito de Edgard Telles Ribeiro sobre relações culturais:

> As relações culturais, conforme aqui entendidas, incluem a diplomacia cultural, de inspiração estatal, mas não se limitam a ela. De fato, e com frequência cada vez maior, as relações culturais incluem, também, as comunicações que os grupos sociais, as comunidades acadêmicas, os artistas, os produtores de cultura espontaneamente estabelecem entre si, independentemente das fronteiras que os separem, com ou sem a ajuda dos Estados a que pertencem, e algumas vezes até contra a vontade desses estados (RIBEIRO, 2011, p.15).

Como dito anteriormente, as vivências acerca do processo de integração regional não são fenômenos recentes. Moreira (2010) aponta que somente entre 1812 e 1914, houve 16 casos de integração regional, com destaque para a criação do Zollverein, em 1833[1]. Enquanto Alvarez (2016) relaciona 13 tentativas de integração latino-americanas presentes no século XIX até a segunda guerra mundial (entre 1821 1942). No entanto, autora entende que "o encontro entre europeus e índios, povos portadores de culturas díspares, até antagônicas em certos aspectos, é tido como o momento inicial das transformações que conduziram à ideia de um 'modo latino-americano de ser' ". Para ela, compreender a identidade latino-americana implica em remontar à época colonial. Entre as implicações da colonização na América Latina, está a mistura de hábitos, crenças e formas de pensamento. Ainda que diversa, a identidade latino-americana teimou em desenvolver-se segundo a valorização do outro. No período colonial, a cultura europeia era vista como privilegiada. Alvarez (2016) destaca que as práticas culturais da região no

[1] "Esta foi uma integração na Europa, entre os Estados germânicos, que liberava a circulação de mercadorias nos territórios dos membros, em trono da Prússia e sem a participação da Áustria, por meio da abertura das fronteiras entre 18 Estados alemães e com o estabelecimento de uma tarifa externa comum ao exterior" (MOREIRA, 2010, p. 226).

ISBN: 978-85-7205-159-0

período colonial expressavam a influência das tradições europeias – adotadas majoritariamente pela classe alta e média – e as indígenas – adotadas majoritariamente pelas classes populares. Essa distinção teria sido responsável pelas peculiaridades da América Latina no que tange à constituição das suas instituições sociais, como família, religião, educação e política, propriedade entre outras. Dessa construção de domínio e privilégios do outro, surgem os ideais de resistência, emancipação e unificação. Alvarez diz que "a condição mestiça do povo latino-americano ascende ao centro do debate. A busca por valores próprios, em contraposição à subserviência até então existente em relação à cultura europeia, exige o reconhecimento do caráter plural do continente".

As motivações unificadoras encontram sentindo nas similaridades históricas de exploração, na construção de uma identidade cultural que une pela diversidade. Alvarez (2016) destaca Simon Bolívar, e José Martí como os principais articuladores dos processos de unidade pela independência e que partem dos discursos coloniais para edificar a identidade entre os Estados latino-americanos. Segundo a autora, cada pensador construiu o seu discurso de acordo com o seu tempo, no sentido de eleger um "outro" apropriado. "Se para Bolívar a questão versava em torno das independências e dos primeiros passos das nações independentes, Martí fala da sombra anexionista norte-americana e de que era preciso livrar-se dos EUA que tinha projetos ideológicos dominadores" (Alvarez, 2016, p.03).

A América de Martí se dava através do afastamento do modelo norte-americano e da procura pelas raízes e especificidades de todas as esferas latino-americanas para construir a identidade. Os dois pensam, primeiramente, numa construção identitária nacional, para logo compreender esse projeto num plano supranacional: Bolívar entende as lutas pela independência como fator primário para a constituição da União Americana Livre, que seria o projeto de solidariedade continental; enquanto Martí reformula a ideia de pan-americanismo, a priori, a partir da capacidade emancipacionista de Cuba, e depois, de cada uma das nações latino-americanas que formariam a "Nossa América".

Claro está que a ideia de integração regional latino-americana sempre esteve presente, baseada principalmente na causa da libertação dos países da América Latina, mas com pouca força efetiva de união. A razão do insucesso na construção de uma identidade integradora da América Latina encontra diversas fontes, entre elas, os interesses de uma elite minoritária, em detrimento das demandas da população local, mas que casavam com as intenções das potências, ao longo do tempo. Nesse sentido, o historiador René Rémond avalia:

> Qual a razão deste malogro? Demasiado pouco povoado, demasiado vasto, com núcleos de população dispersos por quilômetros, rivalidades que opõem os países, a hostilidade da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que não têm o menor interesse em encorajar a unidade e atuam, sobretudo com vista ao desmembramento, este continente quase não conhece circunstâncias favoráveis à sua unificação política. Data dessa época entre a poderosa união do Norte e a fragmentação da América do Sul. Esta desigualdade põe a

ISBN: 978-85-7205-159-0

> América Latina à mercê do Norte e falseia, logo à partida, o próprio conteúdo do pan-americanismo, que mais não pode ser do que um instrumento de hegemonia política ou econômica americana. (RÉMOND, 2003, p. 78)

Em decorrência do histórico colonial, os países latino-americanos contraíram dívidas e ingressaram em uma emancipação sob a condição de dependência econômica em relação à Inglaterra e aos Estados Unidos. Nessa perspectiva histórica de dominação e dependência, a América Latina se construiu segundo o processo de instabilidade política, a marca das mazelas sociais e a falência da sua unidade. O sentimento e a vontade da integração latino-americana não deixem de existir ao longo dos anos, eles serão novamente reavivados a partir da década de 90 do século XX, como parte do processo de regionalização.

Cultura, comunicação e relações internacionais.

Para tentar entender melhor o aspecto comunicacional nas relações internacionais de integração, faz-se relevante o estudo de Margarethe Born Steinberger (2005) sobre os discursos geopolíticos da mídia. A autora traz a ideia de que nova ordem geopolítica internacional é uma ordem midiática. Segundo a autora, as diferentes formas de imperialismo cultural (que não implicam impreterivelmente em domínio territorial físico e direto) e mesmo de *soft power* (competência de alcançar resoluções por meio da ratividade em vez da coerção) indicam que a atual ordenação de referência em ascensão é o sistema pós-moderno midiático, em que a indústria cultural e os meios de comunicação de massa detêm o poder de configurar mentalidades a médio e longo prazo e, consequentemente, conformar o apoio social necessário à consolidação de qualquer liderança global.

> Nessa nova ordem, a mídia é o campo preferencial de batalha entre as ideologias geopolíticas, sobrepondo-se a outras ordens que já prevaleceram historicamente, sustentadas pelas ideologias religiosa, militar, diplomática, acadêmico-científica. Hoje, 'a mídia é o mapa que articula nossa compreensão do mundo' e são as regras da 'episteme jornalística' que decidem quais fatos serão tratados institucionalmente e convertidos em notícia (STEINBERGER, 2005, p. 271).

Em sua tese, Steinberger (2005) corelaciona a geopolítica da cultura com a geopolítica midiática, que surge em resposta às novas formas de ordenamento do poder, no âmbito do capitalismo informacional, onde as negociações acontecem em marcados públicos (de massa), que se propaga para além das fronteiras e em que os mercados consumidores de informação são também objeto de manipulação.

> A mídia não é só a maior difusora de informações do planeta na pós-modernidade, mas também, por esse meio, a maior articuladora de significações sociais imaginárias, a geopolítica da cultura converte-se, no período citado, em geopolítica da mídia. [...] Minha proposta é, portanto, que a geopolítica da cultura, no âmbito da pós-modernidade, seja uma geopolítica da mídia, articulando-se através de sistemas internacionais de comunicação e das novas tecnologias, assim como das condições industriais de produção

ISBN: 978-85-7205-159-0

> da notícia e da economia política da informação pública, estatal e privada. (STEINBERGER, 2005, p. 123).

Importante ressaltar que o estudo de proposta pela autora é dimensionado no âmbito regional da América Latina, pois segundo a autora, "sua história colonial é uma espécie de vocação para encontrar seu lugar no mundo, através de um eixo estruturante situado no imaginário" (Steinberger, 2005, p.122). Ideia que dialoga em completude com o desenvolvimento deste artigo.

Comunicação e Democracia

Atualmente, os meios de comunicação são dominados por uma elite desinteressada em democratizar a sua autoridade. Lima (2006) explica a ampliação desse monopólio do poder midiático em correlação ao próprio avanço tecnológico, visto com mais ênfase, no início dos anos 90 do século XX. Segundo o autor, a revolução digital dissolveu não apenas as fronteiras geográficas, mas também aquelas que divisavam as telecomunicações, a comunicação de massa e a informática, levando a consequências que ultrapassam os processos comunicacionais e interferem no jogo político e econômico:

> Na economia política do setor, por exemplo, ocorre uma enorme e sem precedentes concentração de propriedade. Os executivos da mídia têm se utilizado do eufemismo sinergia para identificar este processo. Assistimos à emergência e à consolidação de um reduzido número de mega-empresas globais fruto da avalanche de aquisições, fusões e *joint ventures* envolvendo Estados nacionais, bancos, grandes empreiteiras e empresas transnacionais privadas, estatais e mistas no bojo da onda internacional de privatizações e desregulamentação. Esse esquema se reproduz nos níveis regionais e locais, inclusive na América Latina e no Brasil. (LIMA, 2006, p. 09)

Desse modo, se faz necessária a apropriação da comunicação pela sociedade, de modo a construir uma informação pública, plural, acessível em sua produção e em seu consumo e participação. Assim, compreendendo o exercício da cidadania como um princípio fundamental para o estabelecimento de uma circunstância democrática e defendendo a existência de três dimensões da cidadania, Lima entende que a comunicação não é apenas instrumento, mas fator integrante desse exercício.

> Na verdade, a comunicação perpassa todas as três dimensões da cidadania, constituindo-se, ao mesmo tempo, em direito civil – liberdade individual de expressão; em direito político – através do direito à comunicação, que vai além do direito de ser informado; e em direito social – através do direito a uma política pública democrática de comunicação que assegure pluralidade e diversidade na representação de ideias e opiniões. (', 2006, p. 11).

O autor ainda ressalta que a circunstância democrática não se prende as fronteiras de uma identidade social, de um território soberano ou de uma nação. Evocando a ideia de Alain Touraine, de que ser cidadão é sentir-se responsável pelo funcionamento das instituições que respeitam os direitos e permitem a representação de ideias e interesses, o autor complementa que "uma das novas características do 'mundo globalizado' seria exatamente a descentralização da identidade cultural e o surgimento de identidades múltiplas, isto é, abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas". (LIMA, 2006, p. 12).

ISBN: 978-85-7205-159-0

Segundo Lima (2006), outra característica do mundo globalizado é a desterritori-alização da cultura e da política e, naturalmente, da economia. Toda relação entre comunicação e cidadania e democracia, deve ser levada em conta, quando se faz uma análise regionalizada, sob as circunstâncias do mundo pós-globalizado.

Nesse sentido, a comunicação, entendida como instrumento e parte da cidadania e da construção cultural, surge ainda enquanto estratégia fundamental no estabelecimento de uma integração identitária latino-americana sustentável e unificada na diversidade. Levando-se em conta, ainda, a relevante colocação de Alvarez (2012) sobre a necessidade de se constituir elementos culturais unificadores:

> A pluralidade de culturas da América Latina faz com que ela se torne um laboratório de experiências sociais, que por sua vez a coloca do lado oposto ao idêntico, embora seja uma identidade enraizada em aspectos históricos e geográficos comuns. É bom lembrar que o conceito de identidade pressupõe que se identifique por algum critério ou propriedade intrínseca que se mantenha ao longo do tempo. Assim, uma possível identidade latino-americana, produto da diferença e da pluralidade, oposta a todo e qualquer modelo, deve ser pensada, na atualidade, no âmbito de um projeto que dissolva a fragmentação e assegure, portanto, a integração e a permanência dessa totalidade. Somente nesse contexto o uso de tal conceito ainda poderá se justificar. (ALVAREZ, 2012, p. 8).

Conclusão

A cultura, a comunicação e a informação são temas estratégicos para as lutas e disputas culturais, ideológicas e políticas, e, se estabelece como eixo fundamental no processo de integração regional que se encontra em marcha. Os países da América Latina devem atentar para o valor estratégico da comunicação na regionalização, que além de permitir o estabelecimento de um teor identitário e unificador à cooperação no continente, também é capaz de comportar sua diversidade cultural e de discursos e sentidos, característica vital para contrapor o abuso exercido pela monopolização da informação.

Além disso, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa detêm o poder de configurar mentalidades a médio e longo prazo e, consequentemente, de aglutinar o apoio social necessário à consolidação de qualquer liderança global.

Da mesma forma, não há democracia genuína sem que se estabeleça uma comunicação acessível e plural. É imprescindível favorecer o surgimento de uma pluralidade de vozes no processo de criação e difusão de conteúdos. Na America Latina, diante da sua construção multicultural, essas condições se provam mais intensas, dependentes de um ambiente democrático, da valorização da cidadania e da inclusão social.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, M. L. O**. (Des) construção da identidade latino-americana: heranças do passado e desafios futuros**. Disponível em: http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/231/427.pdf. Acesso em 20/10/2016.

BALASSA, B. **Teoria da integração econômica**. Lisboa: Clássica, 1973.

LIMA, Venício A. de. Comunicação, poder e cidadania. Rastros. **Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação**, Brasília, v. 7, n. 7, páginas 8-16, out. 2006.

MOREIRA, Silva Cássio. A integração regional como resposta ao processo de globalização. **Gestão Contemporânea,** Porto Alegre, ano 7, nº 7, p. 215-243, jan/jun. 2010.

RÉMOND, R. **Introdução à História do Nosso Tempo**. 2 ed. Lisboa: Editora Gradativa, 2003

RIBEIRO, E. T. **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

STEINBERGER, M. B. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

SUPPO, H. R.; LESSA, M. L. O estudo da dimensão cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: LESSA, M. L.; GONÇALVES, W. S. **História das Relações Internacionais: teoria e processos**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2007.